

PEDRO BOUCHERIE MENDES

SEGREDOS DE FAMÍLIA

 Planeta

Dedicado à minha tia Eduardinha,
que adorava Vale de Azares.

«Como se vê, o gosto pelas expedições e excursões à serra da Estrella começa a generalisar-se; e de razão é que assim succeda, porque os Herminios, se não teem a majestade dos Alpes e dos Pyrineus, teem todavia grandeza e magnificencia superiores a muita coisa, que a gente vae vêr lá fora à custa de muito dinheiro e fadiga.»

«Quatro Dias na Serra da Estrella».
Notas de Um Passeio, por
EMYGDIO NAVARRO, 1884

Primeira parte

Capítulo I

Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017,
primeiras horas da madrugada

A memória do fogo apagado persistia mesmo que não houvesse incêndios naquela região há mais de uma semana. O cheiro pestilento e as cinzas no ar lembravam às gentes da serra os dias terríveis do mês de agosto, diluindo-se nos ares da serra.

Uma cacimba fresca caía na noite clara e Luzia sentia-se como gostava mais de estar: perdida num ligeiro torpor que a convencia de que tudo era possível se quisesse muito. Lembrou-se de Londres e do cheiro a alfazemas nas gavetas da casa, da voz metálica que saía dos altifalantes nas estações do metro e da chuva inesperada de que aprendera a gostar. De mais longe, veio-lhe à memória uma guitarra velha com autocolantes, um canteiro de flores vermelhas de que nunca soube o nome porque nunca soube a quem perguntar, um risco na pintura do teto no seu quarto, ao pé do candeeiro, que acreditava dar-lhe sorte quando o via.

Chegou-lhe à boca o sabor artificial do maracujá, daquela bebida com mais álcool do que pensara, que bebeu na primeira festa a que tinha ido, porque não havia mais nada. Fora há tanto tempo que quase parecia uma recordação da véspera. Engraçado como há coisas que ficam connosco para sempre, incrustadas no pensamento, inamovíveis.

O brilho do luar nas teias de aranha. O consolo do cigarro com a janela aberta. Pintar as unhas de roxo. Ler romances pirosos sem ser às escondidas. Rir e chorar.

Pela primeira vez nessa semana, os grilos e pirilampos, e todos os insetos que houvesse naquele campo com vista para a serra, eram a sua única companhia. Cheirava a vento, e a noite, em breve, começaria a cheirar a frio. Gostava muito de ali estar, gostava sempre de estar ali, sentia-se outra, mais verdadeira. Talvez fosse da ligação à terra, à casa dos avós, de estar na província ou só do conforto da casa e do descanso. Ou do sabor a férias. Também podia ser do consolo de sentir que fazia a coisa certa em estar ali, naquele dia, que se calhar até já começara.

Tirou um cigarro do maço que tinha no bolso dos calções e tomou outro *Xanax*. A cabeça doía-lhe como quase sempre e estava indisposta. Ignorou o chá e bebeu mais um pouco do vinho que sobrara do jantar, fechou os olhos e ficou a escutar o zumbido dos bichos e a aragem a atravessar os galhos. Dormitou e sonhou que competia nos Jogos Olímpicos na ginástica, como uma vez prometera ao avô que ia conseguir fazer. Acordou, ignorou o vinho, que já a enjoava, preferiu beber chá e voltou a apagar.

Agora, e subitamente, o odor era forte e acre. Na sua cabeça, as memórias foram-se e tudo andava à roda, muito depressa, tão depressa que Luzia flutuava e deixava-se ir. Era inútil contrariar o que lhe acontecia. Os sonhos podiam ser assim ou até piores.

Doía a cabeça, doíam os braços, doíam as pernas, sentia-se presa, nunca mais chegava a liberdade. Via as palavras escritas acima da sua cabeça, como pássaros a dançar. Cheirava ainda mais a besta, não queria estar mais ali. Queria gritar e não conseguia abrir a boca. Não conseguia. Lembrou-se de um cão que ouvira ladrar nessa manhã, ela costumava ser boa a imitar latidos, se calhar podia tentar. Não poderia jurar se o cão era branco com manchas castanhas, se castanho com manchas brancas, será que as raças com latidos diferentes se entendem? Talvez aquele fosse um cão já velho, porque ladrrou pouco. Naquela aflição, Luzia esforçou-se o mais que pôde, mas não se lembrava da raça e precisava das forças para lutar. Não se conseguia mexer. Os braços e as mãos desistiram primeiro. As pernas a seguir, mas não muito depois. O corpo não lhe pertencia, não o queria de volta. Cheirava mal, a perigo e a sujidade. Ruídos de qualquer coisa a raspar tomaram-lhe a atenção. Esqueceu os latidos e as raças de cães, percebeu que escutava qualquer coisa a ser cortada.

Retalhavam-lhe a roupa, para quê, porquê, o que se passava?

Deitada na cadeira comprida, começou a voar e reparou em si a abrir os olhos na direção da água escura que a luz da Lua, tremeluzindo, assinalava. Era como um espelho gigante ondulante no chão, um abismo negro e assustador. Por causa do frio que agora sentia pelo corpo, um entusiasmo súbito invadiu-lhe as ideias e impôs-se à apatia como uma descarga zangada vinda do céu. Não foi uma sensação que ficasse. Devagar, como se fosse para alguém ver, Luzia aproximou-se da borda da piscina, totalmente despida. Por instantes, não reconheceu a figura que viu refletida na água, até que percebeu toda a familiaridade. Ali estava ela, era mesmo ela. Debaixo do céu estrelado, caiu, não havia nada a fazer. Quando entrou na água, sentiu o choque da água gelada nas têmporas. Afundou. Ainda estaria lá no fundo aquele ponto negro que vira naquela tarde? Seria uma azeitona que caíra da oliveira, trazida pelo vento? Ou seria outra alucinação? A força de que precisava havia-se escapado, tal como acontecia quando tinha pesadelos e ansiava acordar, lembrava-se naquele momento. O melhor era fechar os olhos com mais força e ficar quieta. Luzia inspirou uma última vez.

**Vale do Forno, Parque Natural da Serra da Estrela,
sexta-feira, 1 de setembro de 2017, 11h30**

O inspetor Juvenal Caramelo começava a ficar cansado do tom insistente e teimoso do diretor nacional da Polícia Judiciária. Juvenal não era parvo e percebia o telefonema, mas aquela seria a terceira vez que repisava o que sabia da morte da neta do famoso banqueiro Elísio Castro Pinto. Com paciência de funcionário, lá se deu ao trabalho, evitando desnecessárias complicações futuras com a capital.

– Isto é uma aldeia como tantas outras aqui na Beira, a uns vinte e poucos quilómetros da Guarda e uns sete ou oito de Celorico da Beira. Fomos chamados pela GNR, que fora chamada pelos bombeiros de Celorico. Chegámos aqui pouco antes da onze da manhã, o corpo já estava na maca, tapado. Segundo a GNR e os bombeiros, a empregada diz que a rapariga foi encontrada hoje de manhã, pelas oito horas, a boiar, nua, de barriga para baixo na piscina que há nas traseiras da casa.

O inspetor da Guarda fez uma pausa, esperando que o diretor nacional interrompesse, o que não aconteceu.

– Ao que sabemos, foi a própria empregada que a encontrou. A mulher diz que veio ao quintal à procura de loiça para lavar e notou um vulto na água. Quando se aproximou, viu que era Luzia Pinto Vilhena, a neta do tal banqueiro que fez o diretor telefonar-me há coisa de um quarto de hora. Uma mulher jovem, de vinte e três anos, magra, talvez um metro e sessenta e cinco, talvez um pouco mais, cabelo pelos ombros. Encontrámos num quarto documentos com fotografia que comprovam que o corpo é de Luzia. Para mais, a empregada já o havia dito. Nenhuma dúvida, Luzia está morta.

Juvenal disse aquilo num tom oficial e determinado. Era beirão dos dois lados e não ia deixar que lhe metessem o pé em cima, muito menos por falhas de pormenor.

– Você disse há pouco que a miúda tem marcas nos pulsos e tornozelos, confirma?

O diretor soava irritadiço. No lugar dele, Juvenal também estaria aflito. Ia ter de dizer a um dos figurões do regime que a neta morrera afogada na piscina de casa. E precisaria de explicar muito bem tudo o que acontecera. O diretor queria uma teoria e contava com Juvenal para lha fornecer.

– Parece que sim. Tem vergões nos pulsos e tornozelos, dá a ideia de que esteve atada, mas às tantas usava pulseiras apertadas. A gente sabe lá, não encontrámos cordas ou nada parecido.

Do outro lado, o diretor da Judiciária ignorou a última frase. Sem se esforçar para encobrir o nervosismo, disparou:

– Há vestígio de crime?

– Nesta fase, só depois da autópsia saberemos do que morreu, embora pelo aspeto do corpo pareça afogamento. Volta e meia, aqui na zona há uns que se atiram aos poços e o aspeto é similar, ficam inchados e azulados. Não encontrámos sinais de entrada forçada ou arrombamento na casa. À partida, se foi assassinada, ou o culpado tinha uma chave ou abriram-lhe a porta. Ninguém nos diz que não foi o homem da televisão por cabo.

O silêncio interrompeu aquela conversa.

– Para além do seu humor duvidoso, afogamentos com vergões nos pulsos e tornozelos são costume aí na serra da Estrela, é isso que está a dizer, inspetor Camelo?

– Caramelo, não Camelo, esses têm bossas. Senhor diretor, entendo a sua impaciência, mas não me cabe estar a adivinhar o que se passou. Como sabe, em tudo o que é curso e formação ensinam-nos a não precipitar conclusões antes de reunir os factos. Há bocado disse e repito que havia garrafas e outros recreativos na mesa perto da piscina, mas só a autópsia dirá se eram mera decoração ou se ela bebeu ou tomou alguma coisa que a fez perder o tino e eventualmente lhe causou a morte. De todos os modos, e já agora, não se encontrou nenhuma carta de suicídio, nem nada parece ter sido remexido ou roubado.

– Como sabe?

– Tem razão, senhor diretor. Não há vislumbre de colares de pérolas ou pulseiras de esmeraldas com as ditas em falta, mas algo me diz que a vítima não teria trazido as joias para o banho noturno. Chame-lhe experiência, intuição, pressentimento. Ou Luzia era uma espia e tinha os segredos nucleares dos russos num medalhão ao peito ou então não me parece que o motivo possa ter sido o roubo.

Juvenal descobriu que afinal aquele telefonema podia ser divertido. Os tipos de Lisboa punham-se sempre a jeito para serem gozados. Sentia-se um lugar-comum a falar com outro lugar-comum, mas muitas vezes a vida era mesmo assim e escapar à mediocridade era impossível. O melhor era ir com o vento.

– Mais uma coisa, antes que me esqueça. Os quadros e as molduras estavam todos virados de pernas para o ar. – O diretor nacional demorou a processar a informação

– O que é que isso quer dizer, de pernas para o ar?

– O senhor diretor deve ter molduras e coisas nas paredes em sua casa. Agora imagine que alguém as vira de pernas para o ar. Se for um retrato seu de férias na praia, a sua cabeça fica na parte de baixo e os seus pés na areia ficam na parte de cima. Mas como é uma fotografia, a areia não lhe entra para os olhos, fique sossegado.

O diretor ignorou a nova provocação.

– Quadros e molduras ao contrário, assim como uma brincadeira, inspetor Leonel?

– Juvenal, senhor diretor. É Juvenal Caramelo. Sim, para lhe responder, é tipo brincadeira, com a diferença de que as brincadeiras não costumam acabar com corpos nus a boiar nas piscinas. Tenho de ir.

Chegava. Juvenal Caramelo ignorou os salamaleques e desfez a chamada, colocando o telefone em modo de voo, enquanto sorria por ter desligado na cara do diretor. Precisava de se despachar. O banqueiro, avô da vítima, era uma celebridade e não devia faltar muito para a região ficar enxameada de jornalistas. Vira garrafas e drogas suficientes junto à piscina para aquilo ter ares de ter sido uma *overdose* que correu irremediavelmente mal à miúda, e sabia que era disso que se faziam as primeiras páginas nos periódicos e as manchetes nos telejornais.